

cia deste que é, talvez, o melhor trabalho de divulgação disponível no Brasil sobre os diversos aspectos da questão do “narcotráfico”. Resta-nos agora esperar a publicação da tese completa de Thiago Rodrigues, já no prelo pela Editora da Universidade Católica (Educ), para o aprofundamento da discussão sobre um dos temas mais candentes da atualidade.

alfabetizar todos? | francisco e. de freitas*

Paul Goodman. *La des-educación obligatoria*. Barcelona, Libros de Confrontación, Serie: pedagógica 3, 1973, 181pp.

A liberdade tem sido “venerada” por todos que pensam as práticas de homens e mulheres como algo que fosse possível dar a si mesmo ou a alguém. Este fato tem produzido discussões que a minimizam, sem, entretanto, problematizá-la como invenção diferenciada dos “seres vivos racionais” em algum momento. Em especial, a educação, teima em esquivar-se do problema. Daí o mérito de Paul Goodman em fazer a crítica ao projeto de desenvolvimento dos Estados Unidos e, de forma específica, ao sistema escolar quanto à centralização e burocratização que reduz o espaço de discussão dos envolvidos diretamente. Reconhecendo a inexistência destas condições, num espaço que não é isolado e nem o único, o leva tanto quanto a Illich a exigir o fim da escola compulsória, pois não haverá “ressonância interna”, conseqüentemente, nem haverá um contínuo de inten-

* Professor no Departamento de Metodologia do Ensino no Centro de Educação na Universidade Federal de Santa Maria-RS, mestre em História pela UFSC-SC e pesquisador no Nu-Sol.

sidades entre o já estabelecido internamente e o exterior, dificultando apreender o obstáculo das relações de acomodação e dependência.

Deste ponto de vista mais geral, tenho a sensação de que o livro *La des-educacion obligatoria*, publicado em espanhol em 1973 e jamais editado no Brasil, pode ser considerado como uma das ações de Paul Goodman no combate à coerção e ao sentimento do dever como instrumentos constitutivos da liberdade.

Em Paul Goodman, é possível identificar uma singularidade sem haver uma individualidade já no primeiro momento que se embrenha no “mundo desumano e inumano” — 9 de setembro de 1911 em Greenwich Village Nova York —, pois não conheceu o cuidado proibitivo por parte da família, favorecendo assim, a sua curiosidade, o que muito provavelmente, facilitou-lhe num futuro próximo, não só o andar por ruas, parques, museus e bibliotecas de Nova York, mas também o contato com as mais variadas e diferentes culturas, afirmando o gosto por uma formação distante de crenças.

Não será igualmente equivocado dizer que a trajetória de Goodman mostrou-se multifacetada e latejante em busca *ressignificações*. Graduado em Literatura Inglesa (1931) na Universidade de Nova York e Ph.D em Literatura na Universidade de Chicago, exerceu a docência nesta universidade até 1940, momento em que é pressionado a abandonar suas atividades por não esconder sua bissexualidade. Passa a produzir poemas, pequenas histórias e sinopses de novelas, ao mesmo tempo em que participa de círculos literários e de teatro, sendo considerado um artista marginal.

Em 1945, por negar-se a prestar o serviço militar obrigatório é preso e escreve o Manifesto Anarquista na prisão. No final da década de 1940, encontra com Fritz Perls.

Deste encontro surge uma parceria importante, pois elaboram a primeira apresentação teórico-prática da “Gestalt-terapia” e fundam o Instituto da Gestalt Terapia em Nova York e Cleveland. Paralelamente à produção intelectual, Paul Goodman organizava movimentos como o *Free Speak Moviment* e ações anti-racistas e contra a Guerra.

Goodman se utiliza da “gestalt-terapia” para passar de artista e escritor, a crítico social, tendo como preocupação central, as questões político-pedagógicas, impulsionando desta forma, a “gestal-pedagogia”.

A descoberta de Paul Goodman pela juventude americana — nos anos 1960 — está relacionada aos seus livros: *Growing up absurd* e *Drawing the line*, os quais forneciam os argumentos teóricos para a problematização da sociedade consumista americana.

Entretanto, o especial interesse de Goodman, está no sistema escolar americano. A este, dirige sua crítica desprovida de complacência e generosidade, por entender a escola como um desperdício econômico, além de produzir prejuízos consideráveis à juventude. Os fundamentos da crítica ao ensino obrigatório fundam-se a partir dos problemas da estrutura deficiente de uma economia que favorece uma classe média alta, em detrimento da classe inferior.

Segundo Goodman, não basta discutir problemas como a pobreza, a delinqüência, realizar cursos de requalificação de mão de obra e formar um corpo de voluntários, pois isso só confirma a deficiência da estrutura econômica.

São elementos constitutivos da crítica, a evasão escolar, principalmente, no ensino superior; a unificação com base nos princípios científicos, “conduzindo diretamente a um fascismo de centro” (p.15); o espírito de

automação que predomina na Vida e na Escola; e, especialmente, na configuração da sociedade estadunidense, da utilização de índices de crescimento e o Produto Nacional Bruto (PNB) como medidas de saúde econômica, produzindo um crescimento desregulado que gera mais danos que benefícios, pois não elimina a tirania sobre a pobreza.

Este conjunto de problemas exige uma mudança de pensamento, os quais remetem, segundo Goodman, a reavaliar a concepção sobre: “trabalho, ócio e desemprego” a partir da desconstrução da relação entre “bem estar econômico” e a simples abundância. Simultaneamente, será necessário rever a valoração social da tecnologia científica e da ciência que dá ênfase à produção — incluindo a expansão do conhecimento — pois esta, quanto mais se expande, cada vez mais é menos útil e, menos hábil, torna o homem médio, na medida em que consiste em aprender a viver dentro de uma elevada tecnologia.

Os desenvolvimentos espontâneos e inacabados, baseados numa estrutura desastrosa — centro, subúrbios e um aglomerado urbano congestionado — seguem uma política de autopistas, impostos, de comércio e escolarização, intensiva urbanização; inviabilizando as pequenas propriedades como “modo de vida” (p.15).

Esta é a “vitalidade política” que eventualmente renova a constituição, ou então, transforma-se em violência e em injustiça aprofundando ainda mais a crise política mesmo que, por ventura, preserve as formas democráticas, esvaziadas de conteúdo.

O que se percebe é que já em 1964, a crítica de Goodman ao projeto americano de desenvolvimento direciona-se à economia, à política, à filosofia e, de forma específica ao sistema escolar, em face da centrali-

zação e a burocratização nas escolas, que reduz o direito à discussão dos envolvidos diretamente. Ao esvaziar o sistema escolar compulsório da preocupação com o desenvolvimento de uma futura utilidade prática para a criança, no mundo das transformações e, em seu lugar, implementa uma tecnocracia inadequada, porque cada vez mais, a escola simplesmente adequou-se a um sistema mecânico que se distancia de incluir as crianças em uma “humanidade unida” e reforça o isolamento das classes. Ainda que bem intencionadas, as escolas depararam-se com as garras burocráticas de uma concepção uniforme e de “inclusão” no sistema obrigatório de ensino em média, na época, de doze anos, numa espécie de jaula a começar pela universidade, logo, é um projeto do tipo “beco sem saída”.

Considerando que o projeto de desenvolvimento estadunidense faz mais mal do que bem aos americanos, a melhor coisa é livrar-se dele. Principalmente, porque Goodman entende que o sistema obrigatório de ensino é uma armadilha universal que não serve para nada. É isso por não haver autenticidade nas situações de aprendizagem, o que provoca uma cisão artificial entre sociedade e escola; os jovens são apartados do mundo dos adultos, e não há uma espontaneidade no ensino.

Esta constatação imbricada com os aspectos econômicos, políticos e de padrão de vida, coloca Goodman diante de um dilema: se por um lado o ambiente escolar é ruim, também o ambiente doméstico e das ruas, para muitas destas crianças é péssimo. Isso porque as cidades e os subúrbios são locais nos quais os adultos não dão atenção aos jovens. E, estes, ao abandonarem as escolas estão com corpo e espírito tão doentes que necessitam de algum tipo de “consolo e de atendimento”, seja da própria escola, das instituições recreativas ou em acampamentos.

Por isso, Paul Goodman defende a eliminação total da escola para algumas classes — crianças com lares em condições toleráveis, ainda que não tenham um bom nível de cultura, mas que tenham vizinhos suficientemente numerosos para fazer companhia um aos outros para que não se sintam “diferentes” do grupo. A substituição total da escola justifica-se, segundo Goodman, pois qualquer criança “normal” consegue recuperar, em um período de 4 a 7 meses, o trabalho realizado nos sete primeiros anos letivos, desde que tenham bons professores.

Para a ausência da escola, Goodman esboça algumas alternativas. Utilizar os prédios da própria cidade como escola — bares, ruas, lojas, cinemas, museus, parques e fábricas — como estratégia de contraposição às abstrações, num currículo “real”. Outra proposição é utilizar profissionais como farmacêuticos, donos de lojas e mecânicos na introdução dos jovens no mundo dos adultos, amenizando a distância entre os velhos e jovens, além de minimizar a autoridade dos educadores. No que diz respeito à obrigatoriedade da presença nas aulas, propõe que os alunos dediquem-se a desenvolver projetos que sejam estimuladores do viver aqui e agora.

Em termos do funcionamento administrativo centralizado do sistema de ensino, Goodman defende a criação de pequenas unidades espalhadas entre 20 a 50 lojas, ou clubes que disporiam seus equipamentos no desenvolvimento de atividades recreativas e sociais direcionadas ao ensino formal com “classes” de 25 a 30 participantes de diversas idades. Em ocasiões especiais, estes grupos se reuniriam para discutir a idéia de compartilhamento em uma comunidade maior. Faz parte deste processo de descentralização a constituição de grupos de jovens a serem enviados para pequenas fazendas, economicamente “marginais”, cabendo ao fa-

zendeiro, não bater nas crianças e, a estas, desenvolver trabalho de campo. Esta prática proporcionaria aos proprietários destas fazendas algum suporte financeiro, já que os recursos destinados à manutenção das escolas, lhes seriam repassados, bem como transformaria-se num projeto de equilíbrio entre a população rural e a urbana.

Goodman enfatiza que este não é um projeto de educação para o ideal, mas sim, para um mundo que valha a pena viver o “aqui e o agora”, pois a juventude pobre da América não ascenderá à classe média só por frequentar a mesma escola da classe média, pois a automatização, a informatização e as comunicações produzem transformações no mercado de trabalho que exigem atividades voltadas à preservação das necessidades de cada região. Acoplado a este objetivo, Goodman busca uma diminuição do sistema educacional monolítico, transformando a educação mais utilitária na medida em que os recursos financeiros investidos na formação dos jovens seriam entregues diretamente a estes, aos quais caberia viabilizar os seus próprios projetos educacionais. Por outro lado, isso significaria romper com o conformismo e combater a comunicação de massa, pois estimularia a cada indivíduo sentir-se à vontade diante da tecnologia e não alienado.

Ao interromper, por razões óbvias, este concentrado e pretensioso esforço de resenhar um autor como Paul Goodman, muito provavelmente, várias turvações devem ter entrado em suspensão, produzindo possíveis enganos ao captar as “tessituras” dos seus “gritos”. Seja como for, as imperfeições de nitidez estão conectadas ao impacto da primeira leitura deste autor, muito provavelmente por conta do nebuloso “descontrole” que foi instalado como efeito das labaredas de um pensamento quente que derrama, consome, ergue uma outra coisa,

mas que também oprime. Talvez por abordar um “velho-novo” tema, ainda às escuras, no permeio da tradição e da inovação, a eliminação da escola, entretanto, continua como um acontecimento problemático, na medida em que esta permanece como algo fundamental à *vida*. Paul Goodman não hesitou diante dos vários acontecimentos e das diversas vias semelhantes, mas de ordens díspares que se abriam diante de si. Tomou o problemático como ponto de organização para a “ressonância interna” produzindo diferenças que desassossegam o espaço sacro — a escola — aproximando-o das práticas no campo dos anarquismos.

um história de amor e prisão | salete oliveira*

Manuel Rivas. *O lápis do carpinteiro*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002, 148 pp.

Manuel Rivas escreve o *Lápis do carpinteiro* e o inscreve na tensão entre a ficção e a realidade. Trata-se de uma narrativa proliferada, na qual o narrador desdobra-se incontáveis vezes.

Quem é o narrador? Ele é reescrito, não pela mão que toma o lápis mas, multiplicado pelos olhos do autor-pintor-leitor que destoam e ecoam matizes de personagens possíveis. O que é o autor?

Uma história de amor e prisão atravessada pela experiência de duplos em discórdia: prisão-inveja; amor-liberdade. O espaço-tempo é o da Guerra Civil Espanho-

* Pesquisadora no Nu-Sol e PRODOC-CAPES/PEPG Ciências Sociais PUC-SP e professora na Faculdade Santa Marcelina.